

O TEXTO LITERÁRIO NA ESCOLA

Aline de Azevedo Gaignoux

Mestre em Ensino de Língua Portuguesa (UERJ)

alinegaignoux@yahoo.com.br

RESUMO: A escola é o ambiente natural no qual os alunos entram em contato com as linguagens escritas; é, pois, o espaço onde os estudantes devem conviver com diferentes textos de gêneros variados. Nessa perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa deve ter como finalidade principal capacitar os estudantes para escrever e interpretar textos satisfatoriamente. Nesse processo, o texto literário será um poderoso aliado, pois, por meio dele, é possível transformar o aluno em leitor e, conseqüentemente, possibilitar seu ingresso efetivo na sociedade, uma vez que a leitura e a escrita são condições *sine qua non* para participação social legítima. O presente artigo evidencia as principais características do texto literário e explicita sua importância no ensino de Língua Portuguesa; apresenta ainda uma proposta de atividade para a prática da leitura em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, texto literário, ensino.

ABSTRACT: The school is the natural environment in which students get to know the written languages; it is, therefore, the space where students must live with different texts of different genres. In this perspective, the teaching of the Portuguese language should have as its principal aim to enable students to write and interpret texts satisfactorily. In this process, the literary text becomes a powerful ally, since it's by the lights of it that comes along a possibility to turn students into readers and, consequently, enable their effective entry into society, since reading and writing are *sine qua non* conditions for a legitimate social participation. This paperwork highlights the main features of the literary text and outlines its importance in teaching Portuguese; it also presents a proposed activity about reading practice in the classroom.

KEYWORDS: reading, literary text, education.

INTRODUÇÃO

A escola é o ambiente natural em que os alunos mergulham no mundo das linguagens escritas; é o espaço onde os estudantes devem ter contato com diferentes textos de gêneros variados. Nessa perspectiva, é preciso refletir sobre as estratégias necessárias para que a escola amplie o contato do aluno com as diversas manifestações culturais escritas de nossa sociedade. De acordo com Antunes (2009), esse processo deve ocorrer:

- pelo estímulo a uma cultura do livro;
- pela fartura de um bom e diversificado material de leitura;
- pelo acesso fácil e bem orientado a esse material;
- pela diversidade de objetivos de leitura;
- pela frequência de atividades de ler e de analisar materiais escritos;
- pela formação do gosto estético na convivência com a literatura

A leitura, nessa perspectiva, é um projeto social inadiável, uma conquista possível. É uma competência em permanente construção, uma porta de entrada para novos mundos. A leitura é, pois, um caminho para verdadeira inserção na sociedade, e o texto literário, um dos principais aliados nessa conquista.

A importância do trabalho com o texto literário na sala de aula é ressaltada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998, p. 36-7):

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário.

Mas, afinal, o que distingue o texto literário do texto não literário?

O TEXTO LITERÁRIO

Embora a definição de texto literário já tenha sido objeto de vários estudos, não há respostas definitivas. É possível, no entanto, apresentar alguns dos critérios mais usados atualmente para caracterizá-lo.

Savioli & Fiorin (2006) lembram que é preciso descartar qualquer critério que se fundamente no tema abordado pelo texto, uma vez que não há conteúdos exclusivos da literatura nem contrários a seu domínio. Na verdade, o que ocorre é o predomínio de determinados te-

mas em certas épocas. Há períodos em que os textos literários privilegiam certos temas e uma determinada maneira de figurativizá-los.

Para os autores, a diferença está no fato de que o texto literário tem uma função estética, enquanto o texto não literário, uma função utilitária (informar, convencer, explicar, responder, ordenar etc.). Essa distinção explicita a primeira característica do texto literário: a relevância do plano da expressão, que, nele, serve não apenas para veicular conteúdos, mas para criá-los em sua organização. Assim,

quem escreve um texto literário não quer apenas dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de forma que, nele, importa não só o que se diz, mas também o modo como se diz. A mensagem literária é autocentrada, isto é, o autor procura recriar certos conteúdos na organização da expressão. Múltiplos recursos são usados para isso: ritmos, sonoridades, distribuição de sequências por oposições e simetrias, repetição de palavras ou de sons (rimas) etc. (SAVIOLI & FIORIN, 2006, p.361)

Outro aspecto importante desse diz respeito à intangibilidade do texto literário, isto é, sua intocabilidade. Ao contrário dele, o não literário pode ser resumido sem perder sua essência. Quando se resume um poema ou um romance, perdem eles a força expressiva, visto que a relevância dos textos desse domínio discursivo está no plano da expressão.

Outra característica importante é que o texto literário é conotativo, ou seja, cria novos significados. Assim, o texto não literário aspira à denotação, enquanto o texto com função estética busca a conotação. O texto com função utilitária busca, portanto, ter um único significado; por sua vez, a linguagem com função estética é plurissignificativa.

Nesse sentido, os PCN (1998, p. 37) apresentam uma importante ressalva:

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea).

A importância do texto literário para o ensino é incontestável, contudo é preciso refletir a forma como ele deve ser utilizado nas aulas de Língua Portuguesa.

O TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA

De acordo a orientação dos PCN (1998), a questão do ensino da leitura literária envolve o exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Cabe, portanto, à escola formar leitores capazes de reconhe-

cer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

Essa visão sobre a importância do texto literário na escola suscita práticas de sala de aula voltadas para o letramento dos alunos de modo a ampliar as competências mais significativas para as atividades sociais, interativas e de encantamento (atividades de fala, escuta, leitura, escrita, análise).

Nessa prática, a produção literária coloca-se em lugar de destaque: constitui uma forma de vivenciar o gosto pela admiração dos bens simbólicos e estéticos que fazem o patrimônio nacional, uma vez que pela leitura temos acesso a novas ideias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, das pessoas, da história dos homens, da intervenção dos grupos sobre o mundo, sobre o planeta, sobre o universo.

Em relação a esse aspecto, Antunes (2009, p. 195) ressalta que

*a leitura é uma espécie de porta de entrada; isto é, é uma via de acesso à palavra que se tornou pública e, assim, representa a oportunidade de sair do domínio do privado e de ultrapassar o mundo da interação face a face. É uma experiência de *partilhamento*, uma experiência de encontro com a *alteridade*, onde, paradoxalmente, se dá a legítima afirmação do *eu*.*

A leitura é vital, ainda, na educação da pessoa quanto aos aspectos relativos à afetividade, ao desenvolvimento da sensibilidade artística e do gosto estético.

À vista disso, o cuidado por desenvolver uma competência na leitura dos gêneros textuais que mais constantemente circulam na sociedade (como cartas, avisos, anúncios etc.) não deve enfraquecer o empenho em promover o convívio com diferentes gêneros literários e com as obras referentes a cada um deles. Conforme lembra Antunes (2009, p.196), “a história de nossa travessia, ao longo dos séculos, está refletida também no grande *intertexto* que constitui nosso acervo literário”.

A partir das reflexões expostas, considera-se inegável a importância do texto literário na escola. Formar leitores e desenvolver competências em leitura e escrita é uma tarefa que a escola tem de priorizar. Entretanto, essa não é uma tarefa fácil. Surge, pois, uma pergunta crucial para essa prática: como despertar o prazer da leitura literária no aluno?

É fato que não se nasce com gosto pela leitura, do mesmo modo que não se nasce com o gosto por coisa nenhuma. O ato de ler não é, por conseguinte, uma habilidade inata. Se isso é verdadeiro para a leitura de textos não literários, muito mais o é para essa leitura de “fruição do belo”, que ultrapassa os interesses imediatos das exigências sociais e profissionais. O pra-

zer que o texto literário pode proporcionar é aprendido por um estado de sedução, de fascínio, de encantamento. Um estado que precisa ser estimulado, exercitado e vivido.

Nessa tarefa, o papel do professor é fundamental, na medida em que é ele que, concretamente, dá visibilidade ao ato de ler. É o professor que apresenta o livro, que expõe e lê o texto, analisa-o, comenta sobre ele, informa sobre os autores, sobre novas publicações; enfim, aquele que transita pelo mundo das páginas, que evidencia sua experiência de leitor.

O professor é, dessa forma, o mediador, entre o aluno leitor e o autor do livro, por isso ele deve ser também um leitor. A afinidade entre o professor e a leitura favorece a mediação. Dificilmente um aluno será seduzido pelo discurso de alguém que não estabelece relação estreita com o texto e que não experimentou e aprovou o produto ofertado. É quase impossível que o desejo de ler um livro seja despertado por uma pessoa que não o leu.

Para formar um leitor, é primordial que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação, relação iniciada a partir da ligação que o professor estabelece com o texto apresentado ao aluno. Todavia, elogiar o livro não é suficiente para convencer os estudantes de que ler é bom e útil; a intenção pode ser válida, mas elogios sem experiência não resolvem. Os alunos precisam entender a leitura como atividade interessante e motivadora, o que se mostra na escola pela apresentação de textos que despertem sua atenção, pela oferta de livros que, inicialmente, tratem de seus interesses por meio de uma linguagem que lhes é familiar. Posteriormente, no processo de amadurecimento do leitor, serão apresentadas outras leituras, aumentando, aos poucos, o grau de complexidade e, conseqüentemente, o desenvolvimento da postura crítica exigida perante o texto.

O leitor maduro se constrói nas diversas leituras realizadas ao longo da vida. E esse processo deve começar na escola, visto que

a qualidade (profundidade?) do mergulho de um leitor num texto depende – e muito – de seus mergulhos anteriores. A quantidade ainda pode gerar qualidade. Parece-me que deveremos – enquanto professores – propiciar um maior número de leituras, ainda que a interlocução que nosso aluno faça hoje com o texto esteja aquém daquela que almejaríamos: afinal, quem é o leitor, ele ou nós? (GERALDI, 2008, p.99)

A maturidade de leitor é construída ao longo da intimidade com muitos e muitos textos. Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros e de seu mundo.

É imprescindível que o docente respeite os passos e a caminhada do aluno enquanto leitor (que se faz pelas suas leituras, como nos fazemos leitores por nossas leituras). Nessa ca-

minhada, é essencial considerar que “o enredo enreda o leitor” (GERALDI, 2008), ou seja, a escolha dos textos que serão lidos é uma tarefa relevante para o trabalho com a leitura na escola.

A escolha dos livros demanda cuidado e requer a criação de estratégias que levem o aluno a se sentir seduzido pelo texto. É preciso ir além do que oferecem os livros didáticos, nos quais é comum haver fragmentos ou adaptações de textos que deixam perder a essência da obra. São muitos os livros que se limitam também a questões cujo objetivo é verificar uma leitura superficial.

É válido lembrar que, fora dos limites da escola, a leitura não precisa ser comprovada ou avaliada; é possível, pois, ler pelo simples fato de sentir vontade de fazê-lo. Na escola, porém, o ato de ler quase nunca se caracteriza por prazer, por espontaneidade; ao contrário, faz parte de um conjunto de tarefas que resultam em avaliação, sob a forma de seminários, provas ou questionários. A avaliação da leitura faz parte da escolarização – processo inevitável, uma vez que, para levar qualquer saber à escola, é preciso formalizá-lo por meio de projetos e disciplinas -, contudo ela não pode ser a finalidade principal do ato de ler.

Urge que o professor quebre algumas barreiras e, primeiramente, compartilhe o universo que o aluno conhece e por ele se interessa. Desprezar tais leituras é afastar-se ainda mais do jovem leitor, dificultando o trabalho com a formação literária.

O professor não pode esquecer que, conforme ensina Pennac (1993), um romance *conta antes de tudo uma história*, portanto deve ser lido como um romance: saciando *primeiro* nossa ânsia por narrativas. Recuperar na escola e trazer para dentro dela o prazer da literatura é, portanto, o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço de incentivo à leitura.

Uma estratégia válida para isso é o circuito do livro: cada aluno escolherá o livro que irá ler e, depois da leitura, o apresentará para a turma, possibilitando a troca de livros entre os estudantes. A escolha do livro deve ser livre. Os alunos terão o direito de escolher o que irão ler e também terão o direito de mudar de livro ao longo do trabalho.

Nesse circuito, adota-se um sistema de rodízio entre os alunos, de tal forma que cada aluno, ao terminar sua leitura, sempre tenha a possibilidade de trocar o livro por outro. A cada troca, registra-se o novo livro que o aluno pegou para ler. É importante ressaltar que, nessa atividade, o único controle feito pelo professor será quantitativo.

O objetivo desse circuito entre os alunos é deixar que leiam livremente, por indicação de colegas, pela curiosidade, pela capa, pelo título etc. O objetivo será ler por ler, gratuitamente. E o gratuitamente aqui não quer dizer que tal leitura não tenha um resultado, não con-

duza a um propósito. O que define esse tipo de interlocução é o aparente “desinteresse” pelo controle do resultado.

A principal tese defendida aqui é a de que se aprende a ler lendo. Nesse sentido, a quantidade é o caminho para a qualidade, pois, como afirma Geraldi (2008, p.112),

Não cremos que haja leitura qualitativa no leitor de um livro só. Escolhemos um caminho que, respeitando os passos do aluno, permite que a quantidade gere qualidade, não pela mera quantidade de livros lidos, mas pela experiência de liberdade de ler utilizando-se de sua vivência para a compreensão do que lê. (2008, p.112)

Além do circuito do livro, outras estratégias podem e devem ser criadas. É válido lembrar que a leitura de um mesmo livro pelos alunos também é importante, pois possibilita discussão e reflexão, o que pode levar a serem considerados diferentes pontos de vista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental ressaltar que, em todas as atividades voltadas para a formação de leitores, não se pode perder de vista a importância da criteriosa seleção dos textos e da prática de leitura em voz alta pelo professor. Talvez seja essa a grande lição trazida por Pennac (1993). Como já foi dito, “o enredo enreda o leitor”, e a forma de narrar também desperta a vontade de conhecer uma história.

É fato também que desenvolver o hábito prazeroso da leitura põe o aluno em contato, em muitos momentos, com a língua padrão, o que será benéfico para a aquisição do registro culto, prestigiado socialmente.

Ler textos literários possibilita o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho, expressos por um jeito de falar singular, carregado de originalidade e beleza.

O texto literário não pode, pois, ficar fora da escola, principalmente das aulas de Língua Portuguesa. O professor deve entender a leitura como prática intrínseca à sala de aula. Nessa perspectiva, o texto literário pode ser uma ponte para o estímulo ao prazer da leitura e, consequentemente, tanto ao enriquecimento vocabular quanto ao amadurecimento da escrita.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula.** 4.ed. São Paulo: Ática, 2008.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: LÍNGUA PORTUGUESA. Brasília: 1998
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> Acesso em 05 nov.2013.

PENNAC, D. **Como um romance.** 3.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Como citar este artigo:

GAIGNOUX, Aline de Azevedo. *O texto literário na escola.* **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 19, out - nov. 2014, pp. . 495-502. Disponível em:
<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/estudos/palimpsesto19estudos07.pdf>.
Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507